

A vida à luz do encontro dialógico

Cleide Cristina da Silva Scarlatelli

Resumo: Neste artigo em torno do diálogo, a vida é configurada como um processo dialógico. São apresentadas as condições e exigências para o exercício do diálogo. Explicita-se a importância de nos colocarmos sob a regência do princípio da caridade se efetivamente desejamos dialogar.

Resumen: En este artículo acerca del diálogo, la vida es configurada como un proceso conversacional. Son presentadas las condiciones y exigencias para el ejercicio del diálogo. Haciendo explícita, además, la importancia de que nos coloquemos bajo la regencia del principio de caridad si efectivamente deseamos dialogar.

Abstract: In this article on dialogue, life is configured as a dialogical process. The conditions and requirements for practicing dialogue are presented. The importance of placing ourselves under the order of the principle of charity if we effectively wish to dialogue is made explicit.

“Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões.
Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo
entre as religiões.” (Hans Küng).

Gostaria de começar a nossa conversa contando uma pequena história que li no prólogo de um dos livros de Gabriel García Márquez, em que o autor nos conta sobre um sonho significativo em sua vida.

Sonhei que assistia ao meu próprio enterro, a pé, caminhando entre um grupo de amigos vestidos de luto solene, mas num clima de festa. Todos parecíamos felizes por estarmos juntos. E eu mais que ninguém, por aquela grata oportunidade que a morte me dava de estar com meus amigos da América Latina, os mais antigos, os mais queridos, os que eu não via fazia tempo. Ao final da cerimônia, quando começaram a ir embora, tentei acompanhá-los, mas um deles me fez ver com uma severidade terminante que, para mim, a festa havia acabado. “Você e o único que não pode ir embora”, me disse. Só então compreendi que morrer é não estar nunca mais com os amigos.¹

Meu primeiro contato com essa história aconteceu há tempo, mas por vários motivos esse sonho foi se tornando lembrança presente em minha vida. Muitas leituras de filosofia traziam de novo a minha memória o sonho de García Márquez. Mas foi uma determinada leitura de um texto de Marilena Chauí que trouxe definitivamente esse sonho para a minha vida. Segundo Chauí, “morrer é um ato solitário. Morre-se só: a essência da morte é a solidão. O morto parte sozinho; os vivos ficam sozinhos ao perdê-lo. Resta saudade e recordação.”² Mas vive-se sempre com as outras pessoas. “Vive-se com outrem: a essência da vida é a intercorporeidade e a intersubjetividade. Os vivos estão entrelaçados: estamos com os outros e eles estão conosco, somos para os outros e eles são para nós.”³ Leonardo Boff sinaliza para esse aspecto relacional da vida quando afirma que toda a vida implica processo de comunhão com algo diferente. Tudo se relaciona e está em comunhão, em profundo diálogo⁴.

Penso que sim, poderíamos dizer que um viver autêntico é um processo dialógico. Como escreve Chauí, “nenhuma experiência evidencia tanto a dimensão essencialmente intersubjetiva da vida e da vida ética quanto a

1 Gabriel García MÁRQUEZ, *Doze contos peregrinos*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 9-10.

2 Marilena CHAUI, *Convite à filosofia*, São Paulo: Ática, 1994, p. 366.

3 Ibid.

4 Leonardo BOFF, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, São Paulo: Vozes, 1988, p. 85-91.

do diálogo”⁵. Na experiência dialógica, realizamos um verdadeiro encontro com as outras pessoas, experimentamos o dinamismo que configura a vida, que é fundamentalmente encontro, relação.

Mas como viver autenticamente? Isto é, como encontrar-se com as pessoas verdadeiramente? Ou ainda, quais são as exigências para que o diálogo se efetive, seja entre mim e ti, seja entre os povos ou entre os círculos culturais e as comunidades religiosas?

Luiz Rohden, em seu livro *Hermenêutica filosófica*, recentemente publicado pela Editora Unisinos, analisa este tema com irretocável clareza, na obra de Hans Georg Gadamer, apresentando justamente as condições do diálogo autêntico. Selecionei trechos do livro de L. Rohden a respeito dessas exigências e condições do diálogo que podem nos ajudar em nossa reflexão:

Primeiramente, L. Rohden apresenta o imperativo da prioridade do outro como uma exigência para o diálogo. Segundo Rohden, para Gadamer, “a prioridade da relação com o outro, em que esse possa também ter razão, constitui a ‘alma’ da hermenêutica”⁶. Mas centralidade do outro que de forma alguma significa uma escravidão do eu ao outro desde que, num diálogo autêntico, não se encontra domínio de um sobre o outro. Essa centralidade do outro pode ser encontrada em Wittgenstein, para quem “não pode haver uma linguagem privada”. E a “linguagem é diálogo. Uma palavra que não alcança o outro, é morta.”⁷ Na verdade, o diálogo se realiza com o outro. Por isso, Gadamer pode afirmar que

um diálogo sempre deixa marcas em nós. O que faz com que algo seja diálogo não é o fato de havermos ensinado algo de novo a alguém, mas que tenhamos encontrado no outro algo que não havíamos ainda encontrado em nossa experiência de mundo. O diálogo possui uma força transformadora. Quando acontece um diálogo, algo fica em nós, e algo que nos transforma.⁸

Poderíamos dizer, a partir dessa primeira consideração de L. Rohden, que a gratidão permeia o diálogo porque nela se expressa essa centralidade do outro. Como aprendemos com André Comte Sponville no seu delicioso *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Ser grata é justamente dizer que o outro me faz falta, é regozijar por sua presença, por sua existên-

5 Marilena CHAUI, op. cit., p. 366.

6 Luiz RÖHDEN, *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*, São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 202.

7 H.-G. GADAMER, *HeSpra*, p. 369-370.

8 H.-G. GADAMER, *InDi*, p. 191.

cia. Obrigada por existir, dizem um ao outro, não por dívida porque nada devemos à pessoa amiga, mas por superabundância de alegria pela sua existência, pela existência do mundo e do universo⁹.

Essa celebração do outro que encontramos presente na “prioridade do imperativo do outro” nos conduz à reflexão sobre o acolhimento que, segundo L. Rohden, é uma condição fundamental do diálogo. “Receber e acolher não significa consentir ou ratificar, *tout court*, a palavra do outro. Acolher é ouvir, receber, procurar captar, compreender o que o outro diz ou quis dizer num determinado momento.”¹⁰ Só quem ouve pode dialogar. Como afirma Gadamer com irretocável beleza, “para ser capaz de dialogar, há que saber ouvir. O encontro com o outro se produz sobre a base de saber auto-limitar-se [...]”

A partir dessa passagem, recorro outro vez ao *Pequeno tratado das grandes virtudes* porque afirmar a arte de autolimitar-se na arte do encontro é afirmar a humildade como condição fundamental. Humildade não significa humilhar-se ou auto-anular-se, mas, como escreve Comte-Sponville, “sem a humildade, o eu ocupa todo o espaço disponível, e só vê o outro como objeto ou como inimigo”.

Poderíamos também dizer que essa capacidade de autolimitar-se implica o “silêncio dentro da alma”, condição fundamental, segundo Rubem Alves, para ouvir o outro. Como ele próprio escreve:

Parafraseio o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo *que a gente tem a dizer*, que é muito melhor. [...] Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...¹¹

Essa idéia genial, “silêncio dentro da alma”, nada tem a ver com auto-anulação, mas, como dissemos acima, com a capacidade de autolimitar-se. Na verdade, como explica L. Rohden, o ouvir não é uma auto-anulação, mas uma afirmação de uma espécie de compromisso com o outro quando fala. No ouvir autêntico, encontramos uma “necessidade de responder às

9 André COMTE-SPONVILLE, *Pequeno tratado das grandes virtudes*, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

10 Luiz ROHDEN, op. cit., p. 207.

11 Rubem ALVES, *O amor que acende a lua*, Campinas: Papirus, 1999, p. 67.

palavras de outrem, isto é, de comprometer-se com a palavra do outro”¹². Portanto, quando somos interpelados por um ouve-me, isso não significa apenas “levanta tua antena, aguça os ouvidos [...] mas significa também: por favor, compreende-me; esforça-te para que, em teu entendimento, te encontres aproximadamente com o meu”¹³.

Por último, mas não menos fundamental, destaco a afirmação de Rohden sobre a importância de o princípio da caridade reger o processo dialógico. Esse princípio, segundo Rohden, foi desenvolvido por Donald Davidson no campo da interpretação apontando para a necessidade da caridade para assegurar a comunicação. Na verdade, acredito que essa seja realmente a condição prioritária para que um diálogo realmente ocorra. Cada uma das condições citadas acima não se efetivaria sem estar sob o princípio da caridade ou da misericórdia.

É precisamente nesse ponto que gostaria de expor algumas conclusões a que cheguei em minha tese doutoral sobre o amor para justificar a necessidade de nos colocarmos sob a regência do princípio da caridade se quisermos efetivamente dialogar.

Se pensarmos nos traços fundamentais da ação amorosa, vemos inicialmente que sua direção é o outro, a outra pessoa. O amor implica descentramento, abertura ao outro. Como escreve Edgar Morin, “a autenticidade do amor não consiste apenas em projetar a nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro”¹⁴. Com Simone Weil, podemos ler no amor ao próximo uma atitude de atenção à verdade da outra pessoa, quando escreve: “A alma esvazia-se de todos seus conteúdos para receber para dentro de si mesma o ser para o qual está olhando, assim como ele é, em toda a sua verdade. Somente aquele que é capaz de atenção pode fazer isso.”¹⁵ Segundo Míguez Bonino, “o amor se define, em primeiro lugar, como a inquebrantável disposição de acudir ao outro”. Por isso, no cristianismo, Deus, que nos ama, pede para expandirmos o amor recebido amando o próximo, como sinal de nosso amor. Essa idéia fica clara no Evangelho de João, onde encontramos o mandamento de amar os irmãos e irmãs. Como escreve J. Konings, quando amamos os nossos irmãos e irmãs, temos o amor de Deus morando dentro de nós e no meio de nós¹⁶.

12 Luiz ROHDEN, op. cit., p. 218.

13 H. Bausigner, ap. ibid.

14 Edgar MORIN, *Amor, poesia e sabedoria*, Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998, p. 30.

15 Simone WEIL, *Waiting for God*, New York: Harper and Row, 1973, p. 115.

16 Johan KONINGS, *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, Petrópolis e São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 2000, p. 328.

Ao explicitarmos que o amor se dirige a outra pessoa, queremos também dizer com isso que o amor é um gesto profundo de afirmação do outro. O amor afirma a outra pessoa. Só o amor é capaz de afirmar a distintividade do outro. Segundo Soren Kierkegaard, o amor autêntico não volatiliza o ser do outro. Numa belíssima passagem de *Obras do amor*, Kierkegaard escreve a esse respeito:

Somente o verdadeiro amor ama cada ser humano de acordo com o caráter distintivo da pessoa. A pessoa rigorosa, mandona, carece de docilidade para compreender os outros; ela pede o que é seu de todo o mundo, quer que todo o mundo seja transformado à sua imagem, adaptado a seu padrão de ser humano. [...] Se a pessoa rigorosa e mandona não pode criar, ela quer pelo menos transformar, isto é, busca o que é seu, de modo que, para qualquer lugar que ela aponte, possa dizer: Veja, é minha imagem, é minha idéia, é meu desejo. Quer a pessoa rigorosa e mandona receba uma grande esfera de atividade ou uma pequena, quer ela seja uma tirana em um império ou um tirano doméstico em um pequeno sótão, essencialmente não faz nenhuma diferença; a natureza é a mesma: prepotentemente recusar-se a sair de si mesma; prepotentemente querer esmagar o caráter distintivo da outra pessoa ou atormentá-la até a morte.¹⁷

Portanto, a pessoa que se coloca na dinâmica do amor guarda em si as condições que apontamos acima para um diálogo autêntico na medida em que a alteridade através do amor é resguardada, afirmada e privilegiada. Amar se configura por uma práxis constitutiva, construtiva e afirmativa. Como explica Enrique Dussel, “é o que fez o samaritano: constituiu o pobre semimorto, roubado e jogado no caminho, de um possível perigo [...] em pessoa, em alguém digno de ser servido, no outro, no próximo”¹⁸.

17 Soren KIERKEGAARD, *Works of Love*, Princeton: Princeton University, 1995, p. 270-271.

18 Enrique DUSSEL, *Ética comunitária*, Petrópolis: Vozes, 1987, p. 51.